VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

NEGROS NO SERTÃO DO ACARAÚ (SECULO XVIII)

Raimundo Nonato Rodrigues de Souza*

O presente artigo analisa a vida dos negros, escravos, livres e libertos, no Sertão do Acaraú, zona norte do Ceará, que vinham das diversas capitanias, especialmente de Pernambuco, foram se estabelecendo pelo Sertão do Acaraú e ganhando visibilidade nas documentações produzidas pela Igreja, Justiça, Câmara e Cartórios. Eles aparecem nos registros de casamento, como "Eusébio de Azevedo Farias casado com Maria da Conceição natural desta freguesia de Amontada filha legitima de João de Sá, preto natural do Bispado de Angolla, e de Joana Roiz natural da vila Vicoza, moradores nesta freguezia (...)"[1].

Também foram registrados nos livros de batismo: "(...) Elias do gentio da Guiné escravo adulto de Manuel Roiz (...)" [2]. Nos livros de óbito foi transcrito o seguinte registro: "faleceo da vida presente Francisco, preto forro, chamado vulgarmente o pay fula (...)." [3] Os livros de Licenças da Câmara registram diversas

---

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará e Professor Assistente da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Orientado pelo professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará Dr. Eurípedes Antonio Funes. A pesquisa é apoiada pela FUNCAP-CE.

1 Livro de Casamento, nº. 01, 1741-1769, fl. 42. Arquivo da Cúria Diocesana de Sobral,

2 Livro de Batismo e Casamento, nº. 01, 1725-1950, fl. 5v. Arquivo da Cúria Diocesana de Sobral.

3 Idem, fl. 67.

ISBN: 978-85-98711-10-2

profissões exercidas por eles, como "Pedro Quaresma, preto forro, (...) vive de seo ofício de Carapina (...)" [4] Outros eram proprietários, como os pretos forros Antonio Gonçalves da Silva, proprietário do sítio Ubaú; e Francisco da Cunha, proprietário do sítio Recife, na Serra da Meruoca [5].

Todos estes vestígios são testemunhos de uma realidade existencial. Mas só os vestígios não são suficientes para produzir histórias, é necessária a intervenção explicativa do historiador, como afirma Aróstegui:

> o historiador trabalha com tudo o que é vestígio, relíquia, resto de qualquer tipo que acredita que a atividade do homem se desenvolve conforme o tempo e por isso está sujeita à resistir à mudança. Mas não pode se limitar a transcrever simplesmente o que dizem os documentos – ainda que infelizmente haja alguns que façam. O historiador tem de explicar. (AROSTEGUI, 2006, p. 309)

Essa explicação precisa ser produzida a partir da transformação dos vestígios em fontes, das construções de hipóteses explicativas da experiência humana e na elaboração de um conhecimento sobre o objeto pesquisado.

ESCRAVIDÃO NEGRA NO SERTÃO

Ao estudar as populações cativas no sertão do Acaraú, no século XVIII e XIX, nos deparamos com diversas questões como: tamanho dos planteis, constituição de famílias, relações de parentescos, fugas, revoltas, vivências religiosas, alforrias, relações de sociabilidades e solidariedades. Esta população escrava foi registrada em diversos documentos, como nos inventários (1709 a 1822); nos livros de licenças da Câmara da Vila de Sobral (1773-1822); na documentação eclesiástica: livros de batismo, casamento, óbito, foro, irmandades (1725-1822) e outros.

Entre os 478 inventários *post morten*, situados no período de 1709 a 1822, em 416 foram registrados a presença de cativos enquanto em 62 não constavam nenhum escravo. Neste sentido, a tabela abaixo é demonstrativa dos investimentos de capital na compra de escravos.

---

4 Livro de Licença da Câmara, 1778, fl. 12v. Arquivo do NEDHIR/UVA.

5 Livro de avaliação e Aforamento da Vila do Sobral, fls. 170-171, sem data. Arquivo do NEDHIR/UVA.

ISBN: 978-85-98711-10-2

TABELA 01: Tamanho de plantéis – Acarau – 1709-1822

PLANTEL	PROPRIETÁRIOS	PERCENTUAL
01 – 05	274	65,9
06 – 10	11	26,7
11 – 15	19	4,6
16 – 20	08	2,0
21 – 25	03	0,8
26 – 30	01	0,3

FONTE: Coleção de inventários *post mortem* 1709/1822 NEDHIS – UEVA.

Ao analisar a tabela acima, percebe se que na maioria dos inventários, os proprietários detinham de 01 a 05 escravos. Nesta faixa, 64 deles eram donos de apenas 01 escravo. Os detentores de 02 escravos eram 62 proprietários; com 03 existiam 54. 55 deles possuíam 04 cativos, enquanto 39 proprietários tinham plantéis de 05 escravos.

Neste universo de proprietários, podemos citar Timoteo Pereira Brito, falecido em 1799, que possuía uma escrava, chamada Isabel, de 50 anos, procedente da Costa da Mina, e avaliada por 80$000. Entre seus bens de maior valor constavam suas 05 terras de criar gados e plantar lavouras avaliadas em 610$000 rs. Já o Cel. Sebastião de Sá, falecido em 1742, possuía apenas uma escrava, quando foi feito seu inventário. Mas, no ano de 1734, este coronel libertou alguns escravos, como consta em diversas cartas de alforrias, entre elas a: "que passa o Cel. Sebastiam de Sá a hum seu escravo por nome Domiciano em 23 de dezembro de 1734, no sítio do Olho dágua do Muritiapuá (...)" e outras "a seu escravo do gentio da terra Francisco e sua mulher Catharina e a seus filhos Lourenço, Bernaldo, Vericimo e Geraldo, em 29 de dezembro de 1734, no sitio do Muritiapuá (...)"[6].

O segundo maior número de proprietários de escravos eram aqueles que possuíam de 06 a 10 cativos, totalizando 111senhores. Destes, 31 tinham 06, como Ana Ferreira Torres, falecida em 1797. Em outros 21 inventários continha apenas 07 escravos. Outros 25 proprietários possuíam 08 escravos, como a finada Ana Maria, que foi casada com Domingos de Paiva Dias. Seu marido, inventariante, descreveu os seguintes escravos:

> Paulo, com idade de 40 annos pouco mais ou menos, do Reino de Angola, avaliado pelos avaliadores em 60$000; Joam, Mina, com 40

[6] Revista do Arquivo Público Estadual, n°. 01. 1987, fl. 14.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> anos e com uma perna mais fina que a outra, avaliado por 40$000; José, do reino de Angola, com 32 anos, avaliado por 60$000, Antonio, criolo, com 03 anos, avaliado por 25$000; Josepha, Mina, com 25 anos, parideira e com cravos nas solas dos pés procedidos de moléstia bobahia, avaliada em 75$000; Fernanda, criola, com 04 anos, avaliada em 30$000 e Anna, criola, com 03 meses avaliada por 10$000[7].

Já Antonio Rodrigues Magalhães, proprietários da fazenda Caiçará, atualmente celebrado como fundador da cidade de Sobral, ao falecer em 1759, deixou de herança 09 escravos, todos eles africanos, do gentio da guiné.[8].

Os planteis de escravos de 11 a 15, que equivalia a um percentual de 4,6 do total dos inventários, correspondendo a 19 proprietários. Um exemplo destes proprietários é o de Manoel Mendonça Silva, cujo inventário foi redigido em 1794 e constava ter 15 escravos. Por outro lado, os proprietários de 16 a 30 cativos, correspondem a um percentual de 3,1 % dos inventários analisados. Alguns destes senhores, quando vivos, exerceram atividades durante sua vida na Irmandade do Rosário. Entre eles citamos o Coronel Matias da Silva Bonito, detentor de 19 escravos e que foi procurador da Irmandade do Rosário dos Pretos da Vila de Sobral. Já o Capitão Eusébio de Sousa Farias, falecido em 1801, em cujo inventário foram relacionados 21 escravos, exerceu a função de tesoureiro e procurador da respectiva Irmandade.

O maior Plantel era pertencente ao capitão Mor Luis Francisco Braga. Em seu inventário, constava ter 29 escravos. Sendo 14 homens e 15 mulheres. Estes foram classificados como sendo 04 africanos e 25 nascidos na colônia.

Na somatória de escravos descritos nos 416 inventários temos 2402 cativos sendo 1.451 homens e 951 mulheres. Deste total foram descritos 625 nascidos na África e 1455 nascidos na América portuguesa. Os nascidos na África foram qualificados como Guinés, Angolas, Cabindas, Benguelas, Caxeus, Coyranas e Mina. Todavia, como afirma Soares "(...) mais que uma forma de identificar escravos, este é um recurso adotado para classificar e organizar a escravaria na África para a América" (SOARES, 1998, p. 1).

---

7 Inventário *post mortem* de Ana Maria, 1763, caixa 09. Arquivo do NEDHIS/UVA

8 Inventário *post mortem* de Antonio Rodrigues Magalhães, 1757, caixa 05. Arquivo do NEDHIS/UVA

ISBN: 978-85-98711-10-2

Em relação aos africanos, o maior grupo era de angolas, como os cativos de Ana Maria, falecida em 1762, que tinha 08 escravos sendo 03 angolas "o escravo Paulo, com idade 40 anos mais ou menos e avaliado por 60$000; José, com 32 anos mais ou menos e avaliado por 60$000 e Joam, com 22 anos mais ou menos e avaliado por 70$000"[9]. Seus outros escravos eram 02 Minas, um cabra e um crioulo.

Outro documento para analisar a presença de cativos na região estudada foi o livro *Remanejamento da pecuária na Zona Norte do Estado do Ceará*, organizado a partir da leitura dos documentos "Relações das plantações e criações de gado existente no termo da Vila de Sobral – 1788", deve-se ressaltar que foram relacionados: "gado caprino: 13.005; gado ovino: 7.336; gado cavalar: 14.578; gado *vacum*: 80.447; instrumentos agrícolas: 4.232 e escravos: 1.424;. (FROTA, 1974)

Essa relação teve como finalidade taxar impostos para o patrimônio da Câmara da Vila, sobre as fazendas de criar e sítios de lavouras. Foram levantadas 826 propriedades, pertencentes a 565 proprietários. Nestas propriedades, em 491 delas existiam 1.432 escravos e 335 delas não declararam ter cativos, sendo assim a média de 2,9 escravos por propriedade.

Da totalidade dos escravos, 172 foram declarados como machos, 79 fêmeas, 78 registrados como escravos e 1.103 não identificados quanto ao sexo. Entre os proprietários arrolados, cinquenta e dois possuíam apenas um escravo. O número maior era do Coronel Jerônimo Machado Freire, que disse possui 73 escravos, nas suas diversas propriedades, sendo 34 não identificados, 28 machos, uma fêmea, um escravo alugado, dois escravos de fábrica e oito declarados apenas como escravos.

Os dados dos inventários e da relação de plantação da vila do Sobral demonstram como a escravidão na pecuária concentrou-se em pequenos grupos, em razão do tipo de atividade econômica que exigia pouca mão-de-obra no trato com o criatório. Segundo Funes, "A pecuária não demanda um número significativo de mão-de-obra; a lavoura não é extensiva não configurando a estrutura de *plantation*, daí a predominância, em relação a outras áreas onde a escravidão foi significativa, de pequenos plantéis." (FUNES, 2000, p.10) Todavia, não basta percebê-los como força de

[9] Inventário *post mortem* de Ana Maria, 1763, caixa 9. Arquivo do NEDHIS/UVA

ISBN: 978-85-98711-10-2

trabalho, mas como atores sociais que, mesmo escravizados, gestaram diversas estratégias que possibilitaram a sobrevivência na ordem escravista e constituíram a sua história (SILVA e REIS, 1989, pp. 13-21).

NEGROS LIVRES E LIBERTOS NO SERTÃO

As diversidades de estratégias utilizadas por negros escravos possibilitaram a libertação de muitos deles. Estes adquiriram sua alforria pelos bons serviços prestados, pela compra ou troca por outros bens. Nobre (1987) transcreveu dados dos livros de notas da vila de Fortaleza, onde foram registradas diversas cartas de alforrias como a "(...) do criolo Severino (...)", passada em 1738 ou o "papel de alforria que faz Nazária Ferreira a uma sua escrava tapuia por nome Clara (...)" e a "carta de alforria e liberdade que dá Teresa Maria de Jesus, mulher de Manuel Ferreira da Cruz, a uma escrava do gentio da costa da Mina por nome Maria (...)"[10], em 1740.

O escravo Gonçalo conseguiu sua liberdade sendo trocado por outro escravo, como consta dos autos de conta dos bens do órfão João filho, do inventariado João de Sousa da Conceição:

> (...) que o escravo cabra denominado Gonçalo, em cujo valor tocou a este órfão quarenta e nove mil quinhentos e secenta reis, a viúva, mai do mesmo órfão, que nelle detinha maior parte, o forrou, por ele havia dado por si hum escravo moço de nação angolla denominado Francisco que existe em seo poder da mesma viúva, trabalhando para ella, e o mesmo órfão (...)[11]

Isso nos possibilita pensar as diversas estratégias de sobrevivência e de ascensão social, passando da condição de cativos para forro, chegando, às vezes, a serem proprietários de terras e de pessoas.

Dentre eles, podemos citar Manuel de Souza Leal, preto, do gentio da Guiné, que segundo os Livros de Registros de Licenças da Câmara, Inventários e Testamentos foi, durante muito tempo, encarregado do contrato das carnes verdes da Villa de Sobral,

[10] Publicação do Arquivo Público Estadual, nº. 01. Fortaleza – Ceará, 1987, p. 19;, 25 e 26

[11] (Inventário *post mortem* de João de Sousa da Conceição (1803), caixa 37. Arquivo do NEDHIR/UVA)

ISBN: 978-85-98711-10-2

porteiro do Juízo dos Órfãos, proprietário de terras, além de possuir um comércio de venda de todos os gêneros e de ser membro e benfeitor da Irmandade do Rosário.

Manoel de Sousa Leal declara que as suas propriedades, em 1788, eram uma terra de criar gados de "um quarto de terras de cumprido com meya légoa de largo" (FROTA, 1974, p.195), um sítio de plantar lavoura com "meya legoa de terra de cumprido e meya de largo..." (Idem, p.195). Em sua fazenda de criar, tinha "20 gados caprinos, 19 gados cavalar, 251 gados vacum, 03 escravos e em seu sítio de plantar lavoura, denominado São Pedro, produzia mandioca, milho, feijão e algodão. O algodão plantado, em duzentas braças de terra, produziu cinqüenta arrobas e meia" (Ibidem, p. 195). A produção de algodão foi vendida para Pernambuco. Dentre seus bens, podemos citar instrumentos agrícolas, bens móveis, trastes velhos, moradas de casas aforadas a Nossa Senhora do Rosário, sítio de plantar, dívidas a receber e a pagar.

O tenente Manuel de Sousa Leal teve sua vida vinculada a Irmandade do Rosário dos pretos. Ele participou como membro, teve seus filhos batizados e casados, vendeu terreno para o patrimônio da igreja dos pretinhos, cuja terra foi aforada e seus chãos possibilitaram capitais para serem investidos na referida igreja e nos seus festejos. Sua moradia era edificada próxima a terra da igreja dos pretinhos. Como devoto a Nossa Senhora do Rosário provavelmente participou de várias celebrações e festejos. Pode votar e ser votado para escolha dos cargos da Irmandade e do reinado do congo. Nesta capela assistiu missas, participou de cerimônias sacramentais e após o seu falecimento teve seu corpo encomendado e sepultado. Seus filhos Francisco de Sousa Leal e Inácio de Sousa Leal foram membros da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Sobral, fundada em meados do século XVIII, e ocuparam o cargo de irmãos de Mesa, no ano de 1798, e tiveram ainda como companheiros e irmãos seus escravos, Ventura e João, respectivamente. Ele faleceu com 86 anos, em 27 de novembro de 1795, sendo sepultado na Capela do Rosário.

Outro exemplo de negros libertos é o de Manuel Gomes Correia do Carmo e sua esposa Germana de Sá e Oliveira. O referido Manuel era professor na Vila Distincta e Real de Sobral e vivia de sua escola de meninos. Araújo, ao comentar sobre a cultura sobralense informa que ele foi o primeiro professor da Vila:

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Esta honra deve ser atribuída ao preto Manoel Gomes Correia do Carmo que desde de 1761, pelo menos, mantinha sua escola de ensinar meninos nesta povoação da Matriz de Nossa Senhora da conceição do Acaraú, tirando o sustento do trabalho de alfabetizar. Foi ele, realmente, o fundador da primeira escola existente na Caiçara, (...) Evidentemente seus alunos não eram os filhos de famílias de destaques, já que os preconceitos raciais do tempo da escravatura impedia que um preto fosse preceptor de um branco (...). (ARAÚJO, 1978, p. 26-27).

Manoel Gomes aparece como testemunha em diversos casamentos de negros escravos, libertos e livres. No ano de 1764 foi testemunha de "Luzia Ferreira da Ponte forra natural do Recife, filha de Anna Saldanha do Gentio de Angola, solteira com Pedro Quaresma forro do gentio de Angola"[12]. Em 1766, participa como testemunha do casório de "Manoel Ferreira da Silva filho legítimo de Albino Ferreira preto forro natural da freguesia da Luz, e de Antonia Dias natural da Vila Viçosa americana, com Eleusa da Costa..."[13] e testemunha o casamento de Paulo com Maria, naturais do Gentio de Angola. [14]

O afastamento da condição cativa dos Maneis foi sendo construída durante toda sua vida, prestando serviços aos seus senhores, trabalhando ao ganho ou utilizando outras estratégias para conseguir a sua liberdade, vivenciando no mundo do trabalho as possibilidades de conseguir terra, casa e escravos. Neste sentido a mobilidade social destes deles e de outros, levou a serem reconhecidos como proprietários, portadores de patentes militares, oficiais mecânicos, destacando na sociedade colonial, como uma elite negra.

Não somente os ex-cativos estavam presentes no vale do Acaraú, mas negros livres. As migrações de negros livres para o Acaraú, principalmente das vilas açucareiras e dos sertões de outras capitanias, esteve ligada à ocupação agropastoril das terras acarauense. Está atividade proporcionou que muitos negros adentrassem ao sertão como militares e como trabalhadores mecânicos, e através de suas atividades, adquirissem terras e escravos, diferenciando daqueles que viviam na escravidão ou como trabalhadores livres pobres. Outros emergiram da condição de cativos e

---

[12] Livro de Casamento nº. 01, 1741-1769, fl. 221. Arquivo da Cúria Diocesana da Sobral..

[13] Idem, fl. 121.

[14] Id. Ibidem, fl. 221.

ISBN: 978-85-98711-10-2

construíram suas riquezas o que a todos proporcionou prestígio e honra na sociedade colonial. Lembramos que nem todos os negros conseguiram sai da condição de escravos e de trabalhadores livres pobres.

Diversos negros, seja do terço de Henriques Dias ou das chamadas tropas pagas, estabeleceram-se no Ceará desde a restauração portuguesa em 1654. Alguns destes militares fixaram-se na capitania e solicitaram terras para criar seus gados e suas famílias. Um destes mulatos, Felipe Coelho de Moraes e sua prole conseguiram terras desde o rio Ceará até a ribeira do Caracu. Felipe Coelho de Morais e seus parentes obtiveram diversas datas de sesmarias nas ribeiras do Acaracu. Eles combateram os povos do sertão, matando-os e escravizando-os, fortalecendo o poder familiar. No livro de sesmarias, foram registradas 28 pedidos para esta família. Inclusive Bento Coelho de Moraes, foi eleito vereador da Câmera de Aquiraz (PINHEIRO, 2008; 90).

A grande quantidade de sesmarias tornava esta família negra poderosa, o que talvez explique a preocupação dos padres em solicitarem ao rei medidas para coibrir abusos destes aos índios e a alguns brancos, como no caso relatado:

> Félix Coelho com uns tapuia seus escravos, prendera um branco que morava no Curuguayu, querendo lhe cortar as mãos, por lhe ter desfeito um curral, que as escondidas fizera num seu terreno. No mesmo ano, o mesmo mulato com dois escravos {moeu a paos} Luis Pereira Coutinho, moço branco e bem procedido, obrigando-o a ausentar-se dentro do prazo de quinze dias. Assim os mulatos tinham tomado posse do Ceará, sem que ninguém se atrevesse a acusá-los ou repreendê-los.(RAU, 1988; 393).

Outros sesmeiros estiveram presentes na conquista e colonização, como Pedro Cardoso de Abreu e sua esposa Clara de Azevedo Farias, que foram uma das famílias de negros pardos que migraram da Capitania de Pernambuco. Seu filho, Eusébio de Azevedo Farias, foi procurador e tesoureiro da Irmandade do Rosário dos Pretos, proprietário da fazenda Cruz do Padre e detentor de escravos.

Eusébio declarou a câmara da Vila de Sobral em 1788, que era morador e proprietário das fazendas Ipueira da Cruz do Padre e Livramento, do sítio São Domingos. Possuía um rebanho de 896 cabeças de gados vacum, cavalar, miúdo e 14 escravos, Seus escravos, agregados e familiares, dedicavam-se ao trabalho da agricultura - seja na plantação e produção de farinhas, no cultivo do milho, na produção

ISBN: 978-85-98711-10-2

e colheita do feijão e do algodão. Sua produção agrícola era utilizada para o consumo e venda para os moradores.

Em seu inventário foi declarado por sua esposa e inventariante que o mesmo era possuidor de 21 escravos, avaliados em 1.635$000 rs. Seus bens de raízes: moradas de casas, a fazenda Cruz do padre, os sítios de plantar lavoura na serra da Meruoca denominados Boa Vista de Todos os Santos, São Domingos, Almas, Palmeiras e Oiteiro foram avaliados a 640$000 rs[15].

Outro exemplo é o negro livre chamado José Monteiro de Melo, proprietário de terras e de gentes, morador nas oficinas, hoje cidade do Acaraú. Afirmava-se no seu no seu inventário, escrito no ano seguinte, 1806, possuir 25 escravos; destes, 48% são africanos e os 52% restantes nascidos na colônia. Os africanos eram 12: 10 vindos de Angola, um da região do Caxeu e outro da Costa da Mina. Dos nascidos na colônia foram identificados 03 cabras, 08 criolos e 02 pardos. A maioria destes escravos era formada por cativos do sexo masculino (20 homens e apenas 05 mulheres). Das mulheres, 04 nasceram na colônia e uma na África que aparece descrita no testamento como sendo de procedência de Benguela e no inventário foi descrita como angolana.

Seus cativos eram, provavelmente, utilizados nos serviços de roça, afazeres domésticos, servindo no comércio, no criatório e na profissão de calafete. Funes, ao tratar do mundo do cativo no Ceará, diz que:

> A mão-de-obra escrava no Ceará se faz presente em todo o campo de trabalho, seja no espaço rural ou no urbano. Se num primeiro momento, ainda no século XVIII, as primeiras "peças" estavam sendo adquiridas para trabalhar num projeto que frustrou, "as minas de São José do Cariri", posteriormente o cativo foi incorporado ao setor produtivo estando presente na pecuária, na agricultura, em serviços especializados, nos serviços domésticos ou ainda como escravo de aluguel e de ganho. (FUNES, 2000, p.110)

Numa sociedade escravocrata a posse de escrava permitia aos proprietários acumular capital e investimento tanto no Vale do Acaraú quanto na África. John Thornton afirma que na África "o único recurso era comprar escravos, os quais como sua propriedade, poderiam ser herdados ou gerar riquezas." (THORNTON, 2004, p. 140) Assim, ao comparar o valor do montante do inventário de Melo, avaliado em

[15] Inventário *post mortem* de Eusébio de Azevedo Farias (1801), caixa 35. Arquivo do NEDHIR/UVA

ISBN: 978-85-98711-10-2

22.943$119, com o valor dos escravos orçados em 2.410$000, percebemos como investir em escravos no Brasil também era algo lucrativo. Pois o item escravos equivalia a 11%, conforme somatório dos preços dos escravos.

Esses nomes de pessoas e lugares revelam uma intensa rede de trocas comerciais e culturais, mostrando uma sociedade em que seus sujeitos se encontram em constante movimento. Como afirma Funes: "A repetição de fatos, nomes, lugares e, atitudes são marcadores significativos e, ao mesmo tempo, reveladores, pois permite trazer trajetória histórica do grupo" (FUNES, 2009, p.148) e de sujeitos.

Ao pensar a presença negra na região estudada ampliamos nosso olhar para além da comunidade escrava, demonstrando como muitos destes cativos conseguiram sua alforria e afastando de sua condição escrava tornaram se proprietários de escravos e bens de raízes: terras e casas. Todas estas pessoas mantiveram intensa relação de parentesco, apadrinhamento, construindo suas vivências junto as irmandades, nas relações familiares e comerciais. Dessa forma, pode-se perceber como estes gestaram estratégias, no sentido de circular dentro dos códigos sociais, dando outros significados que pudessem ter um sentido para suas vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**. Bauru: São Paulo: EDUSC, 2006.

FROTA, D. José Tupinambá da. **História de Sobral.** Fortaleza: IOCE, 1995.

FROTA, Luciara S. de Aragão (Org.). **Estudo do Remanejamento da Pecuária na Zona Norte do Estado do Ceará.** Fortaleza: SUDEC, 1974, vol. 1.

FUNES, Eurípedes A. "Negros no Ceará". In: SOUZA, Simone de (Org.). **Uma Nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

FUNES, Eurípedes. Mocambos: natureza, cultura e memória. In: **História Unisinos**. V. 13 (2), n. 146-153, Maio/agosto 2009.

SILVA, Eduardo e REIS, J. J. ***Negociação e conflito***. São Paulo: Cia. das Letras, 1989,

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800).** Rio de Janeiro: Editora Campus/Elsevier, 2004.